

A terra e o santo da mãe

Caroline Rocha

Minha família sempre estranhou minha desconexão com a religiosidade. Minha “falta de crença em qualquer coisa”, como eles gostam de pontuar. Fui criada desde sempre em uma casa com espaços reservados para figuras santas nas prateleiras, mas nunca me interessei de fato pelo que elas significavam. E isso nunca foi um problema.

À parte os comentários esporádicos dos meus pais sobre a estranheza de eu não acreditar em nada e criticar diversos aspectos da religião, eles nunca me compeliram a ser, de fato, uma pessoa religiosa. A liberdade de escolher minhas próprias crenças (ou a falta delas) sempre existiu na minha família. Talvez porque minha mãe sentiu na pele o que é ser forçosamente criada dentro de uma religiosidade que não é a sua.

Filha de fervorosas testemunhas de Jeová, ela era obrigada a frequentar o Salão do Reino com o pai e a se submeter às doutrinas e aos castigos da religião. O desconforto de ter sido forçada na comunidade religiosa transparece quando minha mãe reconta o passado, mas ela faz questão de frisar que, apesar disso, sempre acreditou em Deus, Jesus, alguns santos e santas e Padre Cícero.

Figura de devoção popular, Padim Ciço talvez seja a presença que associo como religiosa a mais se demorar na memória desde a minha infância. Como a família de minha mãe é natural de Juazeiro do Norte, era improvável que o sacerdote não fizesse parte do vocabulário e das preces dos Rocha.

Desde criança, lembro que uma grande vontade de minha mãe era levar os três filhos para ver Padre Cícero. Ou melhor, ver a estátua erguida em sua homenagem na Colina do Horto em Juazeiro. Era uma saudade dela também, contemplar aquela figura enorme e imponente que esteve ao fundo de tantas das paisagens da sua infância.

Em julho de 2018, finalmente viajamos a Juazeiro para realizar essa vontade. Conhecer uma estátua não era exatamente o que eu e meus irmãos escolheríamos como forma ideal de passar as férias, mas nós fomos por saber que aquilo era importante para nossa mãe.

A primeira coisa que lembro da manhã em que saímos em direção ao Padre Cícero é da escadaria inacabável para chegar lá. Uma subida infinda já se apresentava como uma das provações que fiéis e não-fiéis precisavam enfrentar para chegar à imagem divina. Lembro também de ver gente, muita gente, carregando terços, estátuas, cruzeiros e demais símbolos religiosos na subida.

O topo oferecia, além da proximidade à imagem de Padre Cícero, uma visão panorâmica de Juazeiro do Norte e das paisagens próximas ao Horto e um vento forte que refrescava o suor acumulado no subir dos degraus. Fotógrafos ficavam a postos com suas câmeras e com um banquinho para se posicionar de forma que a foto capturasse sua mão na mão de Padre Cícero.

Além da própria estátua, lembro que existiam mais alguns espaços em homenagem ao sacerdote, como seu casarão. Dentro, itens pessoais ficavam expostos e se misturavam nas salas com objetos deixados pelos fiéis. Cabeças, pernas, braços, olhos e diversas outras miniaturas de partes do corpo feitas em madeira pendiam das paredes. Cada uma representava uma enfermidade para a qual alguém veio pedir intervenção divina. Um outro Padre Cícero também figurava no casarão, deitado em uma rede dentro de um quarto, vestido em uma batina e com um terço na mão.

Apesar de não ter muita proximidade com a religião, todo aquele ambiente me pareceu bastante arrebatador, e por isso resolvi fazer fotos, mesmo não tendo lá tanta habilidade como fotógrafa. Em

tantos espaços, símbolos e provas da fé alheia se apresentavam como testemunhos da crença no espiritual e na existência de algo maior – e mais poderoso – do que nós. Achei válido tentar capturar um pouco disso.









Informações técnicas

Local das fotos: Juazeiro do Norte

Data: 07 de julho de 2018

Dispositivo: Smartphone, Iphone 6s

Minicurrículo

Caroline Rocha é estudante do oitavo semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista da Rádio Universitária FM.